

Reação de jornalistas após situações traumáticas: estudo descritivo-analítico¹

Luana FIORENTIN²

Sonia Regina BERTOL³

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

Resumo

Esta pesquisa que está em andamento tem por objetivo estudar a reação de jornalistas após a exposição a situações traumáticas. Tal objetivo se justifica pela importância de compreender os problemas psicológicos que os jornalistas podem ter ao longo da profissão. Alguns conceitos essenciais à pesquisa, tais como Jornalismo de Guerra, traumas psicológicos e estresse pós-traumático são explicados com base em diferentes autores. A essa explicação se agrega a fundamentação teórica e uma relação de obras relativas aos conceitos. É evidenciada a metodologia que se pretende utilizar. A projeção de detalhes referentes à realização da pesquisa consta no seguimento.

Palavras-chave: Jornalismo de Guerra e Conflito; Traumas Psicológicos; Estresse pós-traumático; Psicologia do Trabalho; Análise de Caso.

Introdução

Esta pesquisa que está em andamento tem como objeto de estudo a reação de jornalistas após situações traumáticas. Tal estudo será baseado na análise e descrição de dois casos jornalísticos. A investigação dos casos procura apontar as principais modificações comportamentais e psicológicas após a cobertura jornalística de eventos imprevistos à rotina das coberturas habituais.

Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivos gerais: Compreender a reação dos jornalistas que sofreram situações traumáticas e que foram intencionalmente escolhidos nessa pesquisa para observar as modificações no seu comportamento.

E como objetivos específicos: Reunir informações sobre situações de conflito, violência e tragédias vividas por dois jornalistas no exercício da profissão. Descrever esses casos emblemáticos em que os jornalistas apresentaram problemas psicológicos após as

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de graduação do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, email: 135495@upf.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, email: sobertol@upf.br

exposições a situações traumáticas. Esclarecer a importância da psicologia do trabalho. Analisar e descrever os casos recortados nesse trabalho.

Desta forma, nos parece que os traumas psicológicos em jornalistas estão cada vez mais presentes após coberturas de cenários de conflito, violência e guerra, considerando-se a complexidade do mundo atual. Entender como as jornalistas reagem após a exposição a determinadas conjunturas conflituosas é a intenção deste trabalho. Por isso, o problema de pesquisa é “Quais as marcas invisíveis que os jornalistas acabam tendo após a exposição a situações traumáticas em sua profissão?”

O objeto de pesquisa é importante em âmbito acadêmico, logo que entendemos as marcas invisíveis que as coberturas jornalísticas podem ocasionar na mente humana, que reage de forma profunda e fragilizada a situações de trauma.

A problemática desse estudo que está em andamento é considerada interessante e atual, uma vez que, na atualidade, proliferam situações em que os jornalistas são obrigados a enfrentar ambientes de extrema hostilidade e intenso conflito, o que sem dúvidas acaba por deixar marcas muitas vezes profundíssimas em sua vida profissional e pessoal.

Métodos e Técnicas

A presente pesquisa se utilizará, primeiramente, da revisão bibliográfica das publicações científicas de diversos autores, relacionados ao objeto de estudo. Para tal, consiste na busca por livros, artigos e revistas. Como explica Gil (2010), “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso”. Será realizada a leitura e o devido fichamento das obras cruciais para a resposta do problema de pesquisa.

Na sequência será desenvolvido um estudo descritivo-analítico. Segundo Gil (2002), “uma pesquisa descritiva pode investigar a ligação entre variáveis ou simplesmente descrever características de um fenômeno, amostra, ou de um determinado caso”. Além disso, Andrade (2010), aponta que, “nesse tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles”.

O estudo descritivo-analítico será aplicado a dois casos de jornalistas que tiveram traumas psicológicos após exposição a situações de conflito, guerra, impacto ou violência. O primeiro caso a ser descrito e analisado é o da jornalista americana Mac McClelland, que simulou o próprio estupro após entrevistar uma mulher do Haiti vítima de abuso sexual, em setembro de 2010, durante a cobertura sobre o terremoto que assolou o país. O segundo

caso é o do jornalista brasileiro, José Hamilton Ribeiro que ao cobrir a guerra do Vietnã acabou perdendo parte da perna esquerda após pisar em uma mina. Ambos sofrem traumas após o exercício da profissão.

Nesse projeto serão descritas e analisadas as seguintes variáveis em três aspectos: Trabalho (ocorreu afastamento da profissão ou não após a situação traumática. E se voltaram ou não a fazer coberturas em situações de conflito, guerra e violência), saúde (o trauma trouxe algum problema de saúde, doença, distúrbio) e comportamento (houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma).

Após o estudo descritivo-analítico será feito um comparativo referente os três aspectos analisados nos dois casos de jornalistas após o exercício da profissão. Como explica Gil (1995), “o método comparativo procede pela investigação de indivíduos classes, fenômenos ou fatos, com vista a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles”.

Os dois casos de jornalistas após exposição a situações traumáticas serão escolhidos, analisados, descritos e comparados. Tal tarefa será desempenhada com o intuito de descobrir as principais reações que os dois jornalistas tiveram e quais suas similaridades.

Jornalismo de Guerra e Conflito

O jornalismo de guerra e conflito é o responsável por relatar e documentar uma época específica, apresentando registros de como era o meio, a política, a economia, a cultura, as dificuldades e vitórias de determinado país. Como explica, Élvio da Silva Carvalho, na dissertação “Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa”,

“Jornalistas especializados, semiespecializados ou enviados especiais que ficam encarregados de nos trazer as últimas atualizações da frente de combate. Homens e mulheres que arriscam a vida em nome de um dos gêneros informativos com maior interesse e relevância pública, para que os que não podem, e/ou não querem, lá estar, possam ficar a par de todos os movimentos. Mas atenção, o jornalista de guerra não deve ser visto como uma espécie de herói, alguém que avança sem medo em nome da informação. A verdade é que esta é uma das especializações jornalísticas que mais controvérsia pode suscitar.” (CARVALHO, 2016, p.7)

É através das coberturas de guerra que os jornalistas acabam ganhando reconhecimento, pois além de, colocar sua vida em risco garantem a informação em curto tempo e muitas vezes realizam transmissões ao vivo. De forma significativa apontam o desenrolar dos fatos, atualizando e mostrando os resultados previstos e imprevistos desses embates.

A cobertura de guerra e conflito diverge do jornalismo convencional. Com uma rotina incerta, o correspondente que se propõem a trabalhar nessa área acaba por ter que lidar com a abrangência de temas fora de seu país de origem, tendo acesso, a outra cultura, política, economia e linguagem particulares. Além do mais, com interesses muitas vezes camuflados.

O jornalismo de guerra e conflito se torna fundamental, sendo que é através dele que temos a noção real do que acontece, tanto no nosso país, como nos outros, além do mais “é um absurdo afirmar que ‘toda guerra é absurda’, para a quebra deste tabu existe o jornalismo de guerra com o propósito de enfrentar certos constrangimentos para nos relacionar com o mundo.” (FREIRE; VAZ BORJA, 2016, pág.8).

O jornalismo de impacto, como o de cobertura de guerra é responsável por garantir aos receptores, visões de um meio, onde a realidade não é a mesma da que vivenciam. Capaz de criar conceitos e embasamentos diferenciados com relação a países distintos, o correspondente internacional que se vale de seu conhecimento para transmitir aos demais a sua versão dos fatos, garante um novo rumo à história. Muitas vezes, apontando, uma crítica que gera a reflexão das pessoas.

O correspondente de guerra e conflito pretende estar sempre no lugar aonde os fatos acontecem, para ele é crucial estar na hora certa para acompanhar o desenrolar dos fatos, “o repórter de televisão, sobretudo o correspondente internacional, não tem apenas de saber agir prontamente diante de uma notícia. Ele também precisa aprender a esperar, e naturalmente se frustra quando acontece de não estar no lugar certo na hora exata.” (HENNING, 1996, p. 157)

O jornalista, por mais bem preparado que esteja para cobrir eventos como o de guerra e conflito, não consegue controlar o que se passa em seu psicológico, como explica, Monteiro e Heller (2016), no artigo, “O Papel da Imprensa em Conflitos Armados: O Caso da Guerra Civil na Síria”:

“Confrontado com as frequentes e horríveis realidades de um conflito, qualquer crença de que o jornalista consegue manter-se distante, remoto, ou imune ao que está a acontecer ‘tende a voar pela janela’ rapidamente” (ADIE, 1998 apud ALLAN; ZELIZER, 2004, p.3).

O jornalista também tem fraquezas, luta para fugir delas, resiste bravamente, mas precisa de muito mais para ser imune ao que vivência em lugares onde o cenário é de sofrimento, tristeza, morte e destruição.

José Rodrigues dos Santos, explica no livro, “A verdade da guerra: da subjetividade, do jornalismo e da guerra”, que o jornalista que vivência essas situações de conflito e guerra “não esquece a experiência, justamente porque a guerra desperta reações insuspeitadas das profundezas da mente” (2005, p.135).

Entretanto, Pedro Bial, retrata no livro, *Crônicas de Repórter*, que existem pessoas capazes de dominar com maior facilidade os sentimentos despertados em situação de guerra. “–Há algumas pessoas “equipadas” mentalmente para este tipo de trabalho. Nós sabemos onde estamos nos metendo, e sabemos que talvez não voltemos vivos.” (BIAL, 1996, p. 52).

Segundo Bial, os jornalistas que cobrem situações de guerra, violência, conflito e impacto fazem o que for preciso para conseguir a informação, “Quando precisam de algo, repórteres engolem qualquer resquício de orgulho e suplicam, imploram, se humilham com gosto. Hoje, parece engraçado. Na época era só patético.” (BIAL, 1996, p. 46).

Outro relato semelhante ao de Pedro Bial é o retratado no livro “Via Satélite: Histórias de um correspondente internacional”, de Hermano Henning.

Henning entrevistou Janus Lenghel durante uma de suas estadas na Europa, e o entrevistado, o correspondente internacional que cobriu a guerra russo-filandesa, em 1940, retrata a coragem que todo o correspondente deve possuir. “Se tivesse que morrer, morreria de qualquer jeito. Olhando para cima, pelo menos dava para ver de onde as bombas caíam...” (HENNING, 1996, p. 113)

Corroborando com os autores anteriores, Lucas Mendes retrata no livro, “Conexão Manhattan”, os riscos que os jornalistas passam ao cobrir conflitos armados e que os mesmo são atacados sem dó nem piedade, muitas vezes pela própria pauta. “desconfio que alguns jornalistas que morreram em El Salvador e na Nicarágua foram assassinados pelos grupos de soldados ou guerrilheiros que estavam acompanhando.” (MENDES, 1997, p.53).

Concordando com Pedro Bial, Hermano Henning e Lucas Mendes, o artigo, “Jornalismo de Guerra: O Caso da Imprensa Portuguesa”, escrito por Élvio da Silva Carvalho, afirma que,

“Os correspondentes de guerra, homens e mulheres que se arriscam na frente de combate em nome da informação, têm, pois, dois grandes desafios traçados: sobreviver, porque, tal como os soldados, estes jornalistas saem de casa com a incerteza de regressar; e tentar manter a objetividade o mais possível. O desafio é não deixar que a sua mente vá tomando partido, pelo menos na altura de escrever, falar para um microfone, ou gravar um ‘vivo’ televisivo.” (CARVALHO, 2016)

Quando estão por traz de câmeras, microfones os correspondentes internacionais tentam mascarar os sentimentos que passam dentro de si, escondem o próprio sofrimento, engolem o choro, em nome da clareza, objetividade de ser comunicador.

E apontando o que para ele é ser jornalista, Bial apresenta que ao longo do tempo, na profissão se desempenha diversos papéis, pois, “repórteres podem ser advogados de causas perdidas, padres confessores, carrasco, redentores. Têm noites de médicos e dias de coveiros. Alguns diriam abutres. Mas, como dizem os tiras, ‘alguém tem de fazer o trabalho sujo’”. (BIAL, 1996, p. 93).

Traumas psicológicos

Como explicam Peres, Mercante e Nasello, 2005, em “Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico”, publicado pela Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, a palavra trauma, significa lesão causada por um agente externo, “esse conceito migrou ao campo psicológico, e, conseqüentemente, supõe-se com frequência que um trauma ocorre quando as defesas psicológicas naturais são transgredidas”.

Rodrigues e Gonçalves (2004, p.21), esclarecem que todo o indivíduo nasce com sistemas defensivos que se tornam as barreiras para que traumas psicológicos não se instalem, entretanto, quando ainda criança a pessoa passa por algum problema na plataforma das emoções, acaba prejudicando essa estabilidade. Se indivíduo quando adulto passar por um novo trauma a força com que será atingido será duas vezes maior.

Todos os seres humanos têm algum tipo de doença psíquica e algum grau de dificuldade de administrar os pensamentos e emoções. Nenhum ser humano é completamente saudável. (CURY, 2007, p. 14).

“Apesar de a liberdade ser vital para o homem, ele sempre foi vítima de algum tipo de prisão. As cadeias, a escravidão, o autoritarismo político, a exploração sexual, o cerceamento dos direitos fundamentais, a dificuldade de liderar o mundo psíquico, a ansiedade, a angústia, as fobias (medo) e outros transtornos emocionais são exemplos de restrição de liberdade que feriam nossa história.” (CURY, 2007, p. 13).

Os eventos traumáticos são relembrados repetidas vezes na mente de quem sofreu o trauma. “O indivíduo testemunhou alguma coisa além da experiência humana comum, a qual seria muito difícil para qualquer pessoa. Esse fato pode ser uma séria ameaça contra sua vida, sua integridade física ou psíquica.” (GUEDES, 2003, p.49).

Freud (apud CURY, 2007) aponta no artigo “As pulsões e as suas vicissitudes”, que três polaridades estão conectadas dentro da mente e umas com as outras são altamente significativas, “a nossa vida mental como todo é governada designadamente pelas seguintes antíteses: Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo), Prazer – Dor, Ativo – Passivo”. (CURY, 2007).

Cada pessoa processa um evento traumático de uma forma e é essa maneira que configura a amplitude do trauma, “a noção de sofrimento é central, implicando um estado de ‘luta do sujeito contra forças que o estão empurrando em direção à doença mental’”. (SIMM, 2008, p. 45-46).

Identificamos determinados fatos a partir dos nossos arquivos existentes na memória, sendo que o fenômeno da autochecagem ativa o gatilho psíquico que dá instantaneamente uma resposta, desencadeando as primeiras reações, “o fenômeno de autochecagem da memória, como o próprio nome sugere, autocheca na memória os estímulos psíquicos visuais e sonoros, gerando um gatilho que produz as primeiras reações, pensamentos e emoções nas mais diversas situações em que nos encontramos”. (CURY, 2007, p. 71).

Freud (apud CURY, 2007) escreveu que, se uma pessoa não se recorda de um trauma, ele provavelmente será reencenado: “o trauma é reproduzido não como uma memória, mas como uma ação, um comportamento”.

Segundo Cury (2007), as pessoas esquecem que precisam se proteger não só fisicamente, mas também psicologicamente. “A maioria das pessoas sequer sabe que precisa proteger suas emoções. Elas fazem seguro da casa, do carro, colocam grades nas janelas, mas não tem nenhuma proteção no mais importante e delicado território, o território da emoção.” (CURY, 2007, p. 16).

Estresse pós-traumático (TEPT)

A vida dos jornalistas que fazem a cobertura de situação de conflito, guerra e violência podem gerar consequências psicológicas, como: “Transtorno de estresse pós-traumático, depressão, deterioração das relações pessoais e abuso de substâncias.” (FEINSTEIN, 2007).

É isto que pretendemos investigar neste estudo que está em andamento, através de dois casos que escolhemos para ilustrar. O primeiro caso a ser descrito e analisado é o da jornalista americana Mac McClelland, que simulou o próprio estupro, após entrevistar

mulher vítima de abuso sexual no Haiti. O segundo caso é o do correspondente de guerra, José Hamilton Ribeiro que acabou perdendo uma perna ao pisar em uma mina durante a cobertura da Guerra do Vietnã para a extinta revista "Realidade", em 1968.

O transtorno de estresse pós-traumático é o principal problema retratado após traumas psicológicos. O psicólogo Kristensen (2013) afirma que, “algumas pessoas podem ter transtorno estresse agudo, porém, se após o primeiro mês os sintomas continuarem, daí, sim, pode-se diagnosticar o TEPT”. (GUARESEMIN, 2015).

O estresse pós-traumático ocorre devido a um evento externo, "o TEPT é como um calo. É um calo que não sai da memória, algo impossível de se esquecer. Um pensamento que parece roubar sua memória". (SILVA, 2009).

O artigo “Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático” de Figueira e Mendlowicz (2015) aponta que:

O traço essencial deste transtorno é que seu desenvolvimento está ligado a um evento traumático de natureza extrema. Uma fração significativa dos sobreviventes de experiências traumáticas irá desenvolver uma constelação aguda de sintomas de TEPT, que pode ser dividida em três grupos: revivência do trauma, esquiva/entorpecimento emocional e hiperestimulação autonômica. (FIGUEIRA; MENDLOWICZ, 2015).

Pessoas que sofrem de TEPT tentam criar barreiras emocionais na busca da recuperação. Entretanto,

Pacientes com TEPT passam a ter dificuldade em rir, chorar, amar, ter ternura, compadecer-se ou sentir atração sexual. Parecem “mortos para a vida”, isolando-se dos amigos e dos familiares. Como se pode ver, o “preço” pago pela anestesia dos sentimentos dolorosos é alto. Esses pacientes podem também sentir-se desconectados de si mesmos, de seu ambiente, até de seu futuro, tendo uma sensação de “futuro abreviado”. (FIGUEIRA; MENDLOWICZ, 2015).

Segundo Varella (2015), no artigo “Transtorno do Estresse pós-traumático”, as causas do transtorno podem estar ligadas a um desequilíbrio na quantidade de cortisol ou na redução córtex pré-frontal e do hipocampo, regiões localizadas no cérebro. “Os sintomas podem manifestar-se em qualquer faixa de idade e levar meses ou anos para aparecer”. (VARELLA, 2015).

O TEPT pode proporcionar a coexistência de outros transtornos psicológicos, como: Transtorno de pânico (TP), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e transtorno depressivo maior (TDM). Friedman & Yehuda (1995) chegam a afirmar que se um

indivíduo preenche os critérios diagnósticos para o TEPT provavelmente também os preencherá para outros transtornos. (FIEDMAN; YEHUDA, 1995).

Psicologia do Trabalho

A Psicologia do trabalho é a arte de orientar e acompanhar o profissional que passou por problemas psíquicos tanto de ordem interna ou externa do ambiente de trabalho. Além do mais, busca apontar saídas para amenizar traumas psicológicos. (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 38).

O equilíbrio entre a saúde mental e física precisa existir, pois “os estudos sobre psicossomática partem da premissa de que os processos psíquicos influenciam muito mais a dinâmica do corpo do que se tem conhecimento até aqui.” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 8).

Segundo, Limongi-França (2008), o paralelo entre mente-corpo-ambiente, geram as somatizações, que são disfunções físicas que a medicina não consegue explicar, mas que a psicologia garante ser de ordem emocional, cuja as sensações são de: dor, mal-estar e doença.

Nos dois casos a serem descritos e analisados o conflito interno se difere. O caso da jornalista americana Mac McClelland, por não saber como superar o conflito psicológico existente, pediu que ex-namorado a violentasse de forma simulada. O trauma surgiu ao entrevistar uma mulher que foi estuprada no Haiti, em setembro de 2010.

Entretanto, José Hamilton Ribeiro, o outro caso a ser descrito e analisado, sofreu não somente trauma psicológico, bem como, físico. O correspondente de guerra, que em 1968 perdeu uma perna ao pisar em uma mina durante a cobertura da Guerra do Vietnã para a extinta revista "Realidade".

Cada interação social adquire um significado diferente, pois embora às emoções sejam processadas inconscientemente, é no plano da consciência que elas se transformam. Na visão de Damásio (1996), a cognição permite avaliar o estímulo que é desencadeado nas emoções pesando negativamente ou positivamente, mostrando um repertório individual flexível que pode ser evitado ou não, em vez de se reagir apenas automaticamente.

A Psicologia do Trabalho cita o organismo como uma coisa só, onde o físico depende do psicológico e vice-versa, “a energia do corpo é criada na cabeça; quando algo entra em desequilíbrio, então o organismo sofre.” (LIMONGI-FRANÇA, 2008, p. 76).

As condições de trabalho alojam as principais fontes responsáveis pelo acúmulo da carga de trabalho psíquica, “esta carga de trabalho não é idêntica à carga de trabalho física ou psicossensomotora. Os efeitos dessa carga e o sofrimento estão no registro mental e se ocasionam desordens no corpo.” (DEJOURS, 1992, p. 61).

A intensidade do trabalho abala diretamente o rendimento do trabalhador, mas mesmo assim o profissional tem maior facilidade em reportar uma dor física do que psíquica, “falar da saúde é sempre difícil. Evocar o sofrimento e a doença é, em contrapartida, mais fácil: todo mundo o faz. Como se, a exemplo de Dante, cada um tivesse em si experiência suficiente para falar do inferno e nunca do paraíso.” (DEJOURS, 1992, p. 11).

Segundo González de Rivera y Revuelta, quando mais a pessoa ficar exposta e vulnerável maior o risco de ter uma doença, “a capacidade de recuperação e defesa do organismo vão diminuindo, com o que aumenta a vulnerabilidade a fatores patogênicos externos e, em consequência, o risco geral de adoecer” (RIVERA Y REVUELTA, 2003, p. 19-20).

Os meios de comunicação buscam suprir suas necessidades e promover o show sem pensar na saúde dos profissionais, “o perigo está no glamour e o charme funcionarem como cortinas de fumaça a esconder as feridas abertas e os pontos obscuros do nosso ofício” (DI FRANCO, 1996, p. 9).

Na visão de Di Franco (1996), as situações patológicas se apresentam em um espetáculo informativo, onde “o insignificante nos parece importante, a incoerência nos parece saudável.” (DI FRANCO, 1996, p. 24).

Dessa forma, é perceptível a importância da psicologia do trabalho, sendo que a mesma pode interferir na organização e no ambiente de trabalho a fim de zelar pelo equilíbrio emocional das pessoas.

“Apesar do sofrimento mental que não pode mais passar ignorado, os trabalhadores continuam em seus postos de trabalho expondo seu equilíbrio e seu funcionamento mental à ameaça contida no trabalho, para enfrentar uma exigência ainda mais imperiosa: sobreviver” (DEJOURS, 1992, p. 78).

Segundo Sucupira (2015), a psicologia do trabalho tem papel fundamental em todas as organizações, pois conhecendo o estado específico de cada profissional é possível, “intervir de várias maneiras para o melhor gerenciamento da situação”. (SUCUPIRA, 2015).

Análise de Caso

A pesquisa que está em andamento tem como amostragem dois casos de jornalistas que sofreram traumas psicológicos no exercício da profissão, em coberturas de conflito, guerra, violência e impacto.

Os casos escolhidos serão analisados, descritos e comparados em suas similaridades. O primeiro caso a ser analisado no *corpus* desta pesquisa é o caso da jornalista americana Mac McClelland, que em setembro de 2010, após entrevistar uma mulher que sofreu abuso sexual no Haiti, não conseguiu livrar-se dos fantasmas psicológicos que assombravam sua mente. Assim, acabou pedindo que o ex-namorado a violentasse de forma simulada para que algum tempo depois fosse capaz de retornar ao país e continuar a entrevistar mulheres vítimas do mesmo crime.

O segundo caso a ser analisado é do jornalista brasileiro, José Hamilton Ribeiro, correspondente de guerra, que em 1968 perdeu uma perna ao pisar em uma mina durante a cobertura da Guerra do Vietnã para a extinta revista "Realidade". O correspondente iria retornar ao Brasil no dia em que se aventurou em busca de uma fotografia e acabou sofrendo o acidente. Ribeiro permaneceu 40 dias no Vietnã.

Considerações Finais

A partir da análise, descrição e comparação dos dois casos escolhidos que compõem o objeto desta pesquisa será possível apresentar as similaridades entre os dois casos, apontando os três variáveis que norteiam este trabalho que está em andamento.

Buscando apontar se na variável trabalho ocorreu afastamento da profissão ou não após a situação traumática e se voltaram ou não a fazer coberturas em situações de conflito, guerra e violência. No quesito saúde, se o trauma trouxe algum problema de saúde, doença, distúrbio. No terceiro tópico, o de comportamento, se houve mudança nas atitudes, alteração de comportamento quando passaram pelo trauma.

Sendo assim, a presente pesquisa propõe apontar um comparativo para que seja possível traçar um paralelo entre os dois casos trazendo à tona as principais reações que os profissionais do jornalismo apresentam após exposição a situações traumáticas.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 10º ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANDRADE, Regina Gloria Nunes. *A repetição e o acontecimento (horrores de guerra)*. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_andrade.pdf>. Acesso em 10 mar 2016.

BIAL, Pedro. *Crônicas de repórter: o correspondente internacional conta tudo o que não se diz “no ar”*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996.

CARVALHO, Lucas. *Jornalistas mulheres desafiam preconceitos em coberturas de guerras e regiões de conflito*. Disponível em <http://www.portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/71190/jornalistas+mulheres+d+esafiam+preconceitos+em+coberturas+de+guerras+e+regioes+de+conflito>. Acesso em 10 set 2015.

CURY, Augusto J. *Superando o cárcere da emoção*. São Paulo: Ed. Academia de Inteligência, 2007.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5.ed. ampl. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. São Paulo: Editora Vozes, 1996.

FEINSTEIN, Anthony. *Jornalistas sob fogo*. Disponível em <<https://jhupbooks.press.jhu.edu/content/journalists-under-fire>>. Acesso em 10 set 2015.

FREIRE, Eduardo Nunes; VAZ BORJA, Magdala Azulay Teixeira. *A Cobertura da Guerra de Angola pelos jornais brasileiros*. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0855-1.pdf>. Acesso em 10 mar 2016.

FRIEDMAN M J, YEHUDA R. *Post-Traumatic stress disorder and comorbidity: psychobiological approaches to differential diagnosis*. In: Friedman MJ, Charney DS, Deutch AY. *Neurobiological and clinical consequences of stress*. Philadelphia: Lippincott-Raven; 1995. p. 429-45.

FIGUEIRA, Ivan; MENDLOWICZ, Mauro. *Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v25s1/a04v25s1.pdf>>. Acessado em 7 set 2015.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5º Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1995.

GUARESEMIN, Cármen. *Envolvidos na tragédia de Santa Maria (RS) podem ter transtorno similar ao de sobreviventes de guerra*. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2013/01/30/sobreviventes-familiares-e-profissionais-envolvidos-em-tragedia-podem-desenvolver-disturbios-psicologicos-serios.htm>>. Acessado em 7 set 2015.

GUEDES, Márcia Novaes. *Terror psicológico no trabalho*. São Paulo: LTr, 2003.

HENNING. H. *Via satélite*. São Paulo: Globo, 1996.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Psicologia do Trabalho*. São Paulo: Saraiva, 2008.

MENDES, Lucas. *Conexão Manhattan: Crônicas da Big Apple*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

MONTEIRO, Talissa de Angilis Azevedo; HELLER, Reginaldo Jonas. *O Papel da Imprensa em Conflitos Armados: O Caso da Guerra Civil na Síria*. Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/busca.htm?query=O+Papel+da+Imprensa+em+Conflitos+Armados:+O+Caso+da+Guerra+Civil+na+S%EDria>. Acesso em 10 mar 2016.

PERES, Julio; MERCANTE, Juliane; NASELLO Antonia. *Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico*. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a03.pdf>>. Acessado em 25 agos 2015.

RIVERA Y REVUELTA, José Luis González de. *El maltrato psicológico: como defenderse del mobbing y otras formas de acoso*. 2.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2003.

RODRIGUES, Vitor Amorim; GONÇALVEZ, Luisa. *Patologia da personalidade*. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SANTOS, José Rodrigues dos. *A verdade da guerra: da subjetividade, do jornalismo e da guerra*. Rio de Janeiro: Gradiva, 2005

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes Inquietas*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SIMM, Zeno. *Acoso Psicológico no Ambiente de Trabalho*. São Paulo: LTR, 2008.

SUCUPIRA, Daniella Moraes. *Psicologado: Emoções e Afetos no trabalho*. Disponível em <<http://psicologado.com/atuacao/psicologia-organizacional/emocoes-e-afetos-no-trabalho>>. Acesso em 11 agos 2015.

VARELLA, Drauzio. *Transtorno do Estresse pós-traumático*. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/letras/e/transtorno-do-estresse-pos-traumatico>>. Acessado em 7 set 2015.